

Sociedade Rorschach de São Paulo

**BOLETIM  
DA**

SOCIEDADE  
RORSCHACH  
DE SÃO PAULO

Órgão Oficial da Sociedade Rorschach de São Paulo

VOL. V

JAN. A DEZ. 1986

000776  
8351b  
ed.-ex.1

INDICE

Sociedade Rorschach de São Paulo

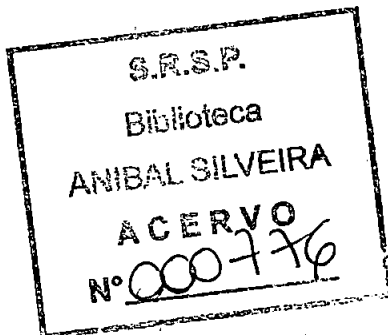
EDITORIAL ..... 01

CARACTERIZAÇÃO PSICOLÓGICA DE UM GRUPO DE OPERÁRIOS SOLDADORES -  
Leda França et alii ..... 02

UMA TENTATIVA DE CORRELAÇÃO ENTRE DESVIOS DE CORES NO TESTE DE  
PIRÂMIDES COLORIDAS DE MAX PFISTER E ALTERAÇÕES ELETROENCEFA-  
LOGRÁFICAS. Maria Isolina Baptista Marques e Angela Paves  
Grossman ..... 14

RESPOSTAS "M" DO RORSCHACH E RELAÇÕES DE OBJETO PRIMITIVAS (IDEN-  
TIFICAÇÃO ADESIVA). Ryad Simon ..... 24

NOTICIÁRIO ..... 31



**CORPO DOCENTE E MEMBROS DA DIRETORIA DA SOCIEDADE RORSCHACH DE SÃO PAULO**

**PRESIDENTE**

Profª Dra. Maria Helena C. de Figueiredo Steiner  
Livre-Docente da Universidade de São Paulo

**VICE-PRESIDENTE**

Dra. Lúcia Maria Salvia Coelho  
Doutora em Ciências Médicas e Mestre em Filosofia das Ciências

**SECRETÁRIO-GERAL**

Dr. Ruy Benedicto Mendes Filho  
Médico Psiquiatra e Mestre em Psicologia

**SEGUNDO SECRETÁRIO**

Lúcia Maria Rosa Cruz Costa  
Psicóloga - Mestranda em Psicologia

**TESOUREIRO**

Leda França  
Psicóloga

**COMISSÃO CIENTÍFICA**

Ana Maria T. Benevides Pereira  
Psicóloga - Mestre em Psicologia  
Dra. Hilda Clotilde Penteado Morana  
Médica Psiquiatra - Mestranda em Psicologia

**COMISSÃO DE NOMEAÇÃO E ORÇAMENTO**

Alda Vial Ribeiro  
Psicóloga  
Dr. Roberto Fazzani Neto  
Médico Psiquiatra

**COORDENADORA DOS CURSOS DA SOCIEDADE RORSCHACH DE SÃO PAULO**

Irany Tomiatto Oliveira  
Psicóloga

**CORPO DOCENTE DA SOCIEDADE RORSCHACH DE SÃO PAULO**

Ana Maria T. Benevides Pereira  
Psicóloga - Mestre em Psicologia  
Norma Lottenberg  
Psicóloga - Mestranda em Psicologia  
Dr. Ruy Benedicto Mendes Filho  
Médico Psiquiatra - Mestre em Psicologia  
Dra. Hilda Clotilde Penteado Morana  
Médica Psiquiatra - Mestranda em Psicologia  
Lúcia Rosa Cruz Costa  
Psicóloga - Mestranda em Psicologia  
José Carlos Teixeira de Camargo Filho  
Psicólogo

**COORDENADORA ADMINISTRATIVA**

Sonia Ivania Fantauzzi Lobo  
Tradutora - Nível Universitário

●  
EXPEDIENTE

RESPONSÁVEL

Ana Maria T. B. Pereira  
Dra. Hilda Clotilde Penteador Morana

CONSELHO EDITORIAL

Dra. Maria Helena C. de Figueiredo Steiner  
Dra. Hilda Clotilde Penteador Morana  
Ana Maria T. B. Pereira

REDATORA

Ana Maria T. B. Pereira

SECRETÁRIA DA REDAÇÃO

Sonia Ivania Fantauzzi Lobo



## EDITORIAL

Não são poucos os problemas relativos à formação do psicólogo em nosso meio, não só decorrentes das próprias condições do ensino superior, como do próprio estágio de desenvolvimento da Psicologia, com abordagens diversas nem sempre assimiladas criticamente pelos estudantes.

Sendo o curso de Psicologia um dos mais recentes em termos de Universidade, encontrou campo para projetar-se de maneira inovadora e útil à sociedade: regulamentação da profissão (1962), multiplicação de cursos, abertura de clínicas, cursos de pós-graduação, dissertações, teses, novas áreas de pesquisa, etc. Mas a formação dos psicólogos ressentiu-se, ainda, de grandes lacunas, quer teóricas, quer profissionais, dificultando um desempenho mais satisfatório. Cursos, especializações, supervisões, etc. adquiriram, assim, um caráter imprescindível e, quase sempre, complementar.

Sem tornarmos estas considerações abrangentes demais, acentuamos a necessidade de lutar por melhores condições nas Faculdades para o adequado preparo dos psicólogos e de incentivá-los para que cada qual busque o próprio desenvolvimento e aperfeiçoamento. Estamos certos de que a Sociedade Rorschach de São Paulo tem desempenhado um papel relevante nesse sentido, na área do ensino e da pesquisa do Psicodiagnóstico de Rorschach e de disciplinas afins, por mais de três décadas.

Não é simples chegar-se a uma correta aplicação dessa técnica projetiva e a uma análise dos dinamismos psicológicos a partir dos dados obtidos. Ao se falar em exames psicológicos, nada menos correto do que a limitação a uma psicometria compreendida como o reduto da objetividade. Da mesma forma, o emprego das técnicas projetivas, através de inferências que extrapolam o alcance dos dados de um protocolo, desvia o psicólogo de um aproveitamento mais fecundo das mesmas. Não é raro chegarem alguns a uma elasticidade fantasiosa nas interpretações que, além de tudo, ficam muito aquém de uma entrevista psicológica.

Esperamos que nossos psicólogos reflitam sobre o problema, às vésperas do XII Congresso Internacional de Rorschach e de outras Técnicas Projetivas (\*).

A Sociedade Rorschach de São Paulo congratula-se com a comunidade de rorschachistas do Brasil e do exterior, pela confraternização e troca de conhecimentos, sempre de maior significado para os que lutam pelo aperfeiçoamento da prática e do desenvolvimento da Psicologia.

MARIA HELENA STEINER

---

(\*). Este volume estava no prelo por ocasião do XII Congresso, realizado no Guarujá-SP, em julho de 1987.

## CARACTERIZAÇÃO PSICOLÓGICA DE UM GRUPO DE OPERÁRIOS SOLDADORES

Coordenadoras - Leda França  
                  Maria Cristina Balieiro

Supervisora - Lucia M. Salvia Coelho

Colaboradoras - Nazira Gait  
                  Maria Cecília G. J. de S. Barbieri  
                  Cassia Aparecida Salata

### 1. HISTÓRICO

O Centro Estadual de Educação Tecnológica "Paula Souza", autarquia associada à Universidade Estadual Paulista "Júlio de Mesquita Filho", instituiu, em 1977, na sua unidade de ensino, na Faculdade de Tecnologia de São Paulo, um curso na área de Metalurgia, na modalidade Soldagem.

A Assessoria de Planejamento e Coordenação Pedagógica do CEET "PS" participou, junto a um Grupo de Trabalho, formado por especialistas do ramo de Soldagem, dos estudos preliminares para a implantação do referido curso.

Durante as reuniões do Grupo de Trabalho foi discutida a dificuldade sentida pelos empresários na seleção de operários soldadores por possuir o processo de soldagem características próprias, exigindo determinado tipo de personalidade para uma adaptação mais adequada.

Em função de tal fato a Assessoria e os professores de matérias profissionalizantes decidiram da conveniência de se proceder a uma caracterização do operário soldador, uma vez que este elemento estaria diretamente ligado ao técnico quando no desempenho de suas funções dentro da indústria.

O projeto de pesquisa foi, então, elaborado pelo Setor de Psicologia da Assessoria e submetido a apreciação da Diretoria do Centro Estadual, que o encaminhou para o Departamento de Assuntos Universitários, do Ministério da Educação e Cultura.

## II. OBJETIVOS

- a) Analisar os traços de personalidade dos operários soldadores, selecionando quais seriam característicos do grupo;
- b) Discriminar os traços, identificar quais seriam comuns a outros tipos de operários;
- c) Partindo da caracterização de um grupo de operários soldadores, elaborar métodos de aprendizagem para a área de soldagem, mais adaptáveis a seu tipo de personalidade;
- d) Facilitar o recrutamento de operários e de profissionais qualificados para trabalhar na área de soldagem.

## III. METODOLOGIA

### A) Sujeito

Grupo de sessenta operários soldadores de diferentes empresas de São Paulo e da Grande São Paulo, considerados bem adaptados na profissão. O critério de boa adaptação foi: seis anos de profissão ou por indicação da chefia.

### B) Procedimentos

Selecionadas algumas empresas, foi-lhes enviada uma carta, explicando o porquê da pesquisa e solicitando colaboração das mesmas. A acolhida foi excelente, liberando-nos, as empresas, não só o operário, como ambiente adequado para o trabalho.

### C) Instrumento

O primeiro contato com o operário foi através de uma entrevista com um roteiro pré-estabelecido, onde procuramos colher dados relativos à sua vida familiar, educacional, social e profissional.

Após a entrevista, foi aplicado o teste Psicodiagnóstico de Rorschach, escolhido para a análise dos traços de personalidade.

#### IV. TRATAMENTO ESTADÍSTICO

Foram realizadas as seguintes provas estatísticas:

- 1) Prova de Adaptação - para o estudo dos dinamismos dos índices, usando-se o cálculo quiquadrado ( $\chi^2$ ) com nível de significância ( $\chi$ ) = 0,05.

$$\text{HIPÓTESE NULA} - H_0 : \bar{n}_i = \frac{\sum n_i}{\text{Número de intervalos de variação}}$$

HIPÓTESE AL-

$$\text{TERNATIVA} - H_a : \bar{n}_i \neq \frac{\sum n_i}{\text{Número de intervalos de variação}}$$

$$\chi = 0,05$$

$$\phi = \text{número de intervalos de variação} - 1 \chi^2 c$$

$$\chi_0^2 = \frac{(n_i - \bar{n}_i)^2}{\bar{n}_i}$$

Quando  $\chi_0^2$  (quadrado observado) é maior que  $\chi_0^2$  (quadrado crítico), rejeita  $H_0$ , isto é, existe uma tendência significativa para a ocorrência de uma dada característica ou intervalo de variação do índice estudado. No caso de  $\chi_0^2 < \chi_c^2$ , confirma-se  $H_0$ , e, portanto, a probabilidade de ocorrência de qual quer das alternativas consideradas para o índice é a mesma.

- 2) Teste de comparação de média entre os grupos, para cada índice, usando o t de Student:

$$\text{HIPÓTESE NULA} - H_0 : \mu_1 - \mu_2 = 0$$

HIPÓTESE ALTER-

$$\text{NATIVA} - H_a : \mu_1 - \mu_2 \neq 0$$

$$\text{Grau de confiança: } \chi = 0,05$$



$$df = n_1 + n_2 - 2 > t_c$$

$$t_0 = \frac{\bar{x}_1 - \bar{x}_2}{S(\bar{x}_1 - \bar{x}_2)}$$

$$\text{onde, } S(\bar{x}_1 - \bar{x}_2) = \frac{S_1}{n_1} + \frac{S_2}{n_2}$$

Quando o valor de  $t$  observado ( $t_0$ ) é maior que o valor de  $t$  crítico ( $t_c$ ) temos rejeição de  $H_0$ , isto é, existe diferença significativa entre as médias dos índices que estão sendo comparados.

#### V. ENTREVISTA INDIVIDUAL - RESULTADOS

Esses dados foram coletados a partir das tabulações das entrevistas individuais (vide modelo em anexo).

As idades de nossos analisados estão distribuídas nas seguintes faixas de variação:

TABELA 1  
DISTRIBUIÇÃO DOS PRÓBANDOS POR FAIXA ETÁRIA

FAIXA ETÁRIA	Nº	%
20 a 30 anos	16	26,67
31 a 40 anos	32	53,33
41 ou mais	12	20,00
Total	60	100,00

Quanto aos lugares de origem, obtivemos a seguinte distribuição:

TABELA 2

## DISTRIBUIÇÃO DOS PROBANDOS POR REGIÃO DE ORIGEM

REGIÕES	Nº	%
Centro - Oeste	2	3,39
Nordeste	21	35,59
Norte	1	1,69
Sudeste	31	52,54
Sul	4	6,78
Total	59	100,00

Obs.: Nosso total não soma 60, pois tivemos um soldador estrangeiro.

Dos elementos da Região Sudeste, 23 (38,33% do total) são originários do Estado de São Paulo.

Quanto ao estado civil, tivemos os seguintes dados:

TABELA 3

## DISTRIBUIÇÃO DOS PROBANDOS POR ESTADO CIVIL

ESTADO CIVIL	Nº	%
Casado	58	96,67
Viúvo	1	1,67
Desquitado	1	1,67
Total	60	100,00

O grau de escolaridade ficou assim distribuído:

TABELA 4

## DISTRIBUIÇÃO DOS PROBANDOS POR ESCOLARIDADE

ESCOLARIDADE	Nº	%
Somente alfabetizado	9	15,00
Antigo Primário	39	65,00
Antigo Ginásial	7	11,67
2º Grau	4	6,67
Superior	1	1,67
Total	60	100,00

Com referência ao tempo de trabalho na profissão, a seguinte distribuição foi encontrada:

TABELA 5  
DISTRIBUIÇÃO DOS PROBANDOS POR TEMPO NA PROFISSÃO DE SOLDADOR

TEMPO DE PROFISSÃO	Nº	%
2 a 5 anos	15	25,00
6 a 10 anos	21	35,00
11 a 15 anos	6	10,00
16 a 20 anos	11	18,33
21 anos ou mais	7	11,67
Total	60	100,00

## VI. INTERPRETAÇÃO

### 1 - TIPO DE TRABALHO MENTAL

#### Observação:

Quanto ao tipo de percepção, os operários soldadores do nosso grupo são capazes de distribuir a atenção pelo mundo externo, observando tanto os aspectos mais amplos, como os mais óbvios e os detalhes da realidade (G, P, p). O grupo, no entanto, se caracteriza por uma maior capacidade de iniciativa e planejamento (G/R) do que pela captação dos dados de ordem prática (sendo sua porcentagem de P rebaixada ou normal). Quanto à observação mais apurada e analítica tendem a dar uma porcentagem desviada para menor ou para mais.

#### Elaboração:

O grupo apresenta escassa capacidade associativa (porcentagem R rebaixada), dando como resultado pouca produtividade, que pode ser traduzida como inibição do trabalho mental, talvez ocasionada pela falta de motivação pelo próprio teste. Aparece, também, deficiência de auto-afirmação (poucos M).

Também a elaboração intelectual encontra-se diminuída (Elab/R), apresentando pensamento mais do tipo concreto e indutivo (G. simples).

Outra característica dos nossos probandos é a desproporção entre a capacidade de planejamento e de auto-afirmação (G > M).

Denotam, ainda, pouca susceptibilidade e flexibilidade aos estímulos externos do meio-ambiente (faixa determinada reduzida).

#### Comunicação:

A função intelectual da comunicação apresenta-se razoável quanto à distribuição dos interesses pelo mundo externo (porcentagem de conteúdo), mas é pequena a preocupação com os seres humanos (porcentagem H rebaixada) apesar de serem capazes de perceber as variações sociais e psicológicas dos mesmos (H > pH).

A ausência de capacidade para estabelecer boas relações interpessoais e conseqüentemente um comportamento mais objetivo (ausência de M), dificulta a integração social mais ampla dos indivíduos.

A ligação com o ambiente se faz de uma maneira infantil (porcentagem A elevada), em decorrência mais de um problema emocional que de deficiência intelectual (A > pA).

#### Adaptação Intelectual:

A adaptação intelectual (R.M.I.) se faz de modo harmônico nas situações neutras (pranchas manocromáticas), mas quando há interferência dos estímulos afetivos essa integração torna-se insuficiente (pranchas coloridas).

Diante de estímulos de ordem primariamente afetiva, os examinandos não conseguem julgar imparcialmente os fatos (%F + elevada), nem se norteiam pelo juízo lógico comum ao adulto (%V reduzida), apresentando uma reação mais emocional (porcentagem A elevada).

Frente às solicitações do ambiente, de ordem afetivamente neutras, os probandos já conseguem exercer adequadamente o exame crítico e objetivo dos fatos (%F + elevada), apesar de não se nortearem pelos juízos e pensamentos convencionais (%V rebaixada).

(\*) Como a tabela de respostas vulgares foi estabelecida a partir de pesquisas com grupos de nível de instrução superior ao grupo aqui pesquisado, podemos levantar a hipótese de haver inadequação da tabela ao grupo, podendo, portanto, prejudicar a conclusão que os soldados não se norteiam pelo juízo lógico comum ao adulto.

## 2 - FEITIO DA PERSONALIDADE - CONDIÇÕES AFETIVO-EMOCIONAIS

Podemos dizer que a expressão dos sentimentos dos examinandos se manifesta de maneira adequada; são indivíduos capazes de controlar suas reações afetivas (RC).

Mesmo no estudo da afetividade, visto não apenas como exteriorização, mas potencialidade inerente, os nossos probandos apresentam adequada sensibilidade quando se trata dos estímulos mais sociáveis (Índice de Afetividade).

Com referência aos estímulos menos diferenciados, mais primitivos, apesar de potencialmente apresentar-se elevado (Índice Imp. elevado), são capazes de conter essa tendência (con. baixa), derivando tal energia para o nível da fantasia.

Nos recursos intelectuais intrínsecos na adaptação social, aparecem fantasias irracionais, infantis (M elevado), dificultando assumirem os papéis devidos como adulto dentro da sociedade (M baixo).

O tipo de vivência apresentado é extratensivo no plano manifesto (EQ) e intratensivo (EQ') no plano latente, mostrando imaturidade afetiva. Os indivíduos desse grupo são realmente introversivos e se apresentam como extratensivos apenas como uma maneira de se adaptar à realidade.

### Dinamismo Emocional:

Os nossos probandos vão mostrar neste setor um predomínio de respostas emocionais menos diferenciadas (domínio de I e I'). Falta-lhes tanto a capacidade de adaptação emocional mais objetiva (L) como aquela resultante da aculturação concreta (C').

Assim, o fator emocional (porcentagem A), bloqueando a percepção da realidade, a subjetividade das reações emocionais (I e I'), a ausência de adaptação mais concreta (C'), vai mostrar que os operários soldados apresentam imaturidade emocional no contato com a realidade.

Não enfrentam o mundo externo com objetividade, preferindo retrair-se para níveis imaturos, quando encontram obstáculos a serem vencidos.

### Disposições conativas e utilização dos recursos subjetivos:

Nas situações em que se exige iniciativa e tomada de decisão, o grupo reage de modo variável em função das disposições individuais. Nas situações afetivas, ocorre maior envolvimento subjetivo e apelo aos recursos pessoais de personalidade, mas com baixo rendimento da ação explícita.

## SUMÁRIO

O Grupo de Trabalho que realizou os estudos preliminares para a implantação do Curso de Metalurgia, na modalidade Soldagem, julgou a conveniência de se proceder a uma caracterização psicológica dos operários soldadores, argumentando a dificuldade da seleção e adaptação dos indivíduos a este tipo de trabalho.

O Setor de Psicologia da Assessoria de Planejamento e Coordenação Pedagógica projetou e executou a pesquisa "Caracterização Psicológica de um Grupo de Operários Soldadores", financiada através do Contrato de Assitência Técnica DAU-MEC/CEETPS.

O objetivo da pesquisa é a verificação de quais traços de personalidade caracterizam este grupo de operários soldadores, bem adaptados às suas funções. A partir dos resultados procurar-se-á estabelecer critérios para a seleção de futuros operários soldadores. Além disso, dever-se-á utilizar os resultados como subsídios para a montagem de métodos de aprendizagem para cursos de treinamento para operários na área de Soldagem.

A pesquisa constou de uma entrevista dirigida e da aplicação do Teste Psicodiagnóstico de Rorschach em sessenta operários soldadores que trabalham em empresas localizadas na Grande São Paulo. O critério de escolha dos indivíduos foi de boa adaptação ao trabalho, definido como trabalhar há seis ou mais anos na função e/ou indicação da chefia.

Dos dados colhidos através das entrevistas distribuiu-se os indivíduos segundo faixa etária, estado civil, escolaridade, região geográfica de origem, tempo de atuação na função de soldador e especificações de funções dentro da área.

Os testes aplicados foram analisados segundo os critérios de Anibal Silveira. A análise foi dividida em Trabalho Mental e Condições Afetivo-Emocionais, onde temos:

- Capacidade de generalização, planejamento, com pensamento indutivo, concreto;
- Imaturidade: fuga para a fantasia;
- Não utilização dos valores convencionais, de ordem lógica, estabelecidos pela sociedade;
- Ligação com ambiente mais emocional que intelectual;
- Relativo desgaste do rendimento da ação explícita em função do envolvimento subjetivo;
- Impulsividade latente acentuada mas com recursos de controle;
- Desinteresse pelas motivações do comportamento humano;
- Prevalece a disposição introversiva nas relações interpessoais;
- Falta de confiança nos seus próprios recursos;
- Maior capacidade de planejamento que de execução;
- Reduzida flexibilidade mental no relacionamento com o ambiente;
- Capacidade de exercer o julgamento objetivo dos fatos desde que não envolvido afetivamente.



**BIBLIOGRAFIA**

COELHO, L., Coelho R. "Características Psicológicas dos Caraíbas Negros à Luz da Prova de Rorschach". Anais da Associação Latino-Americana de Rorschach, 1-2: 4-16, 1970.

COELHO, L. A. S. Epilepsia e Personalidade, Ed. Ática, S. Paulo, 1978.

SILVEIRA, A. C. Prova de Rorschach - Elaboração do Psicograma, Ed. Edalene, S. Paulo, 1964.



UMA TENTATIVA DE CORRELAÇÃO ENTRE DESVIOS DE CORES NO TESTE DE PIRÂMIDES COLORIDAS DE MAX PFISTER E ALTERAÇÕES ELEKTROENCEFALOGRAFICAS (9)

Maria Isolina Baptista Marques (10)  
Angela Paves Grossman (11)

I. INTRODUÇÃO

A presente pesquisa teve como finalidade procurar estabelecer uma correlação entre desvios de cores, a partir do teste de Pirâmides Coloridas de Max Pfister e alterações eletroencefalográficas. Pretendeu-se, assim, com provar observações advindas da prática clínica de que os referidos desvios, quando relativos a determinadas cores, tais como: vermelho, cor altamente estimulante, relacionada à extroversão mais imediata do afeto; azul e marrom, representativos de mecanismos de controle do Ego; verde e amarelo, cores de contato com o ambiente; e o violeta, associado à internalização do afeto, à ansiedade e tensão emocional, sugeririam alterações eletroencefalográficas, de principal projeção nas áreas temporais.

Não foram encontradas, até o presente momento, quaisquer referências bibliográficas que se refiram às hipóteses formuladas neste trabalho. Foi este, portanto, realizado a partir das postulações teóricas formuladas por Schaie & Heiss (1964).

Observaram estes autores que: "Nas pirâmides bonitas o sujeito expressa a estrutura emocional manifesta, enquanto que nas pirâmides feias expressaria mais os aspectos inconscientes de sua estrutura emocional, informando-nos sobre respostas afetivas latentes e que podem se externalizar subitamente. Representam alternativas de comportamento que o sujeito não consegue atualizar por ocuparem um lugar inferior na hierarquização de suas respostas. Tais alternativas são de grande interesse para avaliarmos a estabilidade da estrutura emocional do indivíduo, assim como para prevermos a dire-

(9) Apresentado no XIV Congresso Interamericano de Psicologia, em abril de 1973, em São Paulo, Brasil.

(10) Mestre em Psicologia Clínica pela PUC - São Paulo.

(11) Setor de Eletroencefalografia do Instituto Sedes Sapientiae - São Paulo.

ção que poderá tomar se as defesas se romperem".

Estes aspectos, inferidos teoricamente pelos referidos autores, sugeriu-nos a hipótese de que as dificuldades que enfrentariam alguns indivíduos para obterem uma condição de estabilidade, do ponto de vista da estrutura emocional, poderiam ser decorrentes do desgaste provocado pela luta contra uma atividade irritativa cerebral, seja de natureza excitadora ou inibidora.

## II. HIPÓTESES

Estabeleceu-se, então, com base nestas observações, as seguintes hipóteses de trabalho:

- 1) De que haveria nítida predominância de escolha da cor vermelha, nas pirâmides feias, apresentando-se esta preferencialmente em média alta.
- 2) Esperar-se-ia alta escolha, até no máximo terceira colocação na escala de frequência de escolha das cores, quer nas pirâmides bonitas, quer nas feias, de determinadas cores de controle do Ego (azul e marrom); de contato com o ambiente (verde e amarelo) e de tensão interna (violeta), mostrando-se estas geralmente com desvios para menos e para mais, com relação à média ideal.

## III. MATERIAL E MÉTODO

Tomou-se como população casos clínicos em atendimento na Clínica Psicológica "Sedes Sapientiae", da Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, no decurso do ano de 1972. A aplicação dos testes foi realizada com a participação das alunas do Curso de Psicologia, em estágio na Clínica. Desta população foram selecionados trinta e oito casos, sendo vinte e três do sexo masculino e quinze do sexo feminino, em uma faixa de idade que variava de 06 a 14 anos. A Clínica era procurada principalmente por queixa de agressividade, escolaridade, inibição, medo e depressão; destes pacientes, quatorze sofreram convulsões.

O teste foi aplicado de acordo com o método desenvolvido por Schaeff & Heiss (1964), mediante o qual pede-se ao examinando a realização de seis pirâmides, consideradas pelo mesmo três bonitas e três feias, conforme instruções dadas pelo examinador.

Para que se possa interpretar as diferenças e o significado dos desvios de cores nas pirâmides bonitas e feias, seus respectivos valores brutos são convertidos em valores ponderados, utilizando-se para isto a medida estatística Sten. Posteriormente, mediante o uso de tabelas para cada idade e sexo, estes valores são dispostos em um gráfico, permitindo-nos obter um perfil da escolha de cores. Os resultados são, assim, divididos em quatro categorias: acima da média (Sten 8 a 10), média ideal (Sten 5 e 6), média alta (Sten 7) e média baixa (Sten 4), e abaixo da média (Sten 1 a 3).

Quanto aos eletroencefalogramas, foram estes realizados em aparelhos Kaiser, 8 canais, iniciando-se sempre em vigília, com ativação pela hiperpneia, estímulo sonoro e reação de parada, e tentativas de sono, espontâneo ou induzido.

#### IV. RESULTADOS

A interpretação da psicodinâmica da distribuição das cores, em sua expressão gráfica, para mais e para menos, com relação à média ideal (Sten 5 e 6), permitiu-nos separar, atualmente, os trinta e oito casos selecionados em duas categorias diferentes: casos considerados graves e casos considerados leves. Os primeiros caracterizaram-se por oferecerem menores condições de controle e maior comprometimento da adaptação ao meio, e os segundos caracterizaram-se por uma condição de controle mais satisfatória sobre a expressão da agressividade, impulsividade e ansiedade latentes, favorecendo a adaptação ao meio-ambiente.

Assim sendo, com relação às hipóteses levantadas pelo Pfister, considerando-se os desvios e as posições apresentadas pelas cores nas pirâmides bonitas e feias, respectivamente nos casos leves e graves, verificamos os seguintes resultados, conforme mostram os quadros que se seguem:

QUADRO 1

DISTRIBUIÇÃO DOS CASOS LEVES (N = 17), CONSIDERANDO-SE OS DESVIOS DE CORES COM RELAÇÃO À MÉDIA IDEAL NAS PIRÂMIDES BONITAS

PIRÂMIDES BONITAS

DESVIOS MÉDIA IDEAL CORES	MÉDIA ALTA		ACIMA DA MÉDIA		ABAIXO DA MÉDIA		MÉDIA BAIXA		TOTAL	
	ABS.	%	ABS.	%	ABS.	%	ABS.	%	ABS.	%
Vermelho	01	5,88	0	0	05	29,41	01	5,88	07	41,17
Azul	03	17,64	04	23,52	01	5,88	03	17,64	11	64,70
Marrom	05	29,41	03	17,64	0	0	01	5,88	09	52,94
Verde	03	17,64	01	5,88	02	11,76	03	17,64	09	52,94
Amarelo	05	29,41	01	5,88	0	0	02	11,76	08	47,05
Violeta	05	29,41	02	11,76	0	0	02	11,76	09	52,94

QUADRO 2

DISTRIBUIÇÃO DOS CASOS LEVES (N = 17), CONSIDERANDO-SE OS DESVIOS DE CORES COM RELAÇÃO À MÉDIA IDEAL NAS PIRÂMIDES FEIAS

PIRÂMIDES FEIAS

DESVIOS MÉDIA IDEAL CORES	MÉDIA ALTA		ACIMA DA MÉDIA		ABAIXO DA MÉDIA		MÉDIA BAIXA		TOTAL	
	ABS.	%	ABS.	%	ABS.	%	ABS.	%	ABS.	%
Vermelho	03	17,64	0	0	0	0	03	17,64	06	35,29
Azul	02	11,76	07	41,17	01	5,88	0	0	10	58,82
Marrom	01	5,88	02	11,76	04	23,52	03	17,64	10	58,82
Verde	02	11,76	02	11,76	02	11,76	01	5,88	07	41,17
Amarelo	04	23,52	06	35,29	0	0	05	29,41	15	88,23
Violeta	02	11,76	06	35,29	01	5,88	02	11,76	11	64,70

QUADRO 3

DISTRIBUIÇÃO DOS CASOS GRAVES (N = 21), CONSIDERANDO-SE OS DESVIOS DE CORES COM RELAÇÃO À MÉDIA IDEAL NAS PIRÂMIDES BONITAS

PIRÂMIDES BONITAS

DESVIOS MÉDIA IDEAL CORES	MÉDIA ALTA		ACIMA DA MÉDIA		ABAIXO DA MÉDIA		MÉDIA BAIXA		TOTAL	
	ABS.	%	ABS.	%	ABS.	%	ABS.	%	ABS.	%
Vermelho	01	4,76	03	14,28	05	23,80	04	19,04	13	61,90
Azul	05	23,80	0	0	06	23,87	04	19,04	15	71,42
Marrom	0	0	05	23,80	02	9,52	03	14,28	10	47,61
Verde	05	23,80	07	33,33	01	4,76	01	4,76	14	66,66
Amarelo	02	9,52	05	23,80	02	9,52	03	14,28	12	57,14
Violeta	03	14,28	04	19,04	05	23,80	03	14,28	15	71,42

QUADRO 4

DISTRIBUIÇÃO DOS CASOS GRAVES (N = 21), CONSIDERANDO-SE OS DESVIOS DE CORES COM RELAÇÃO À MÉDIA IDEAL NAS PIRÂMIDES FEIAS.

PIRÂMIDES FEIAS

DESVIOS MÉDIA IDEAL CORES	MÉDIA ALTA		ACIMA DA MÉDIA		ABAIXO DA MÉDIA		MÉDIA BAIXA		TOTAL	
	ABS.	%	ABS.	%	ABS.	%	ABS.	%	ABS.	%
Vermelho	06	28,57	10	47,61	05	23,80	0	0	21	100,00
Azul	01	4,76	09	42,85	04	19,04	01	4,76	15	71,42
Marrom	01	4,76	0	0	07	33,33	04	19,04	12	57,14
Verde	0	0	04	19,04	06	28,57	02	9,52	12	57,14
Amarelo	02	9,52	05	23,80	02	9,52	05	23,80	14	66,66
Violeta	02	9,52	01	4,76	05	23,80	02	9,52	10	47,61

QUADRO 5

DISTRIBUIÇÃO DOS CASOS LEVES (N = 17) E GRAVES (N = 21), CONSIDERANDO-SE A INCIDÊNCIA E A POSIÇÃO DE ESCOLHA DAS CORES NAS PIRÂMIDES BONITAS E FEIAS

PIRÂMIDES CORES	CASOS LEVES						CASOS GRAVES					
	BONITAS			FEIAS			BONITAS			FEIAS		
	ABS.	%	POS	ABS.	%	POS	ABS.	%	POS	ABS.	%	POS
Vermelho	07	41,17	7º	06	35,29	9º	13	61,90	4º	21	100,00	1º
Azul	11	64,70	1º	10	58,82	3º	15	71,42	1º	15	71,42	3º
Marrom	09	52,94	2º	10	58,82	3º	10	47,61	6º	12	57,14	6º
Verde	09	52,94	2º	07	41,17	6º	14	66,66	3º	12	57,14	6º
Amarelo	08	47,05	8º	15	88,23	1º	12	57,14	5º	14	66,66	4º
Violeta	09	52,94	2º	11	64,70	2º	15	71,42	1º	10	47,61	8º

Deste modo, considerando-se entre as dez cores que compõem o teste de Pfister aquelas que são de nosso interesse nesta pesquisa verificamos, de acordo com nossas hipóteses, que:

- 1) A cor vermelha, nas pirâmides feias, foi a de maior escolha nos casos considerados graves (21 casos), com predomínio numérico acima da média (10 escolhas) e quase igualdade de condições abaixo da média e em média alta (5 e 6 escolhas). O total de escolhas foi de 21 (vide Quadro 4). Nos casos leves (17 casos), o vermelho colocou-se em penúltimo lugar nas pirâmides feias, situando-se em média alta e média baixa. O amarelo teve maior frequência - em 17 casos apareceu 15 vezes (vide Quadro 2).
- 2) Cores de Controle do Ego: Apresentou-se, quer nos casos leves como nos graves, como sendo a primeira escolha nas pirâmides bonitas e terceira escolha nas pirâmides feias, mostrando-se, regra geral, acima da média e em média alta nas pirâmides bonitas e feias dos casos leves (Quadros 1 e 2) e nas pirâmides feias dos casos graves (Quadro 4); e abaixo da média e em média baixa nas pirâmides bonitas dos casos graves (Quadro 3);

- 2) Marrom: Mostrou-se, nos casos leves, como segunda escolha nas pirâmides bonitas e terceira nas pirâmides feias, com predomínio acima da média e em média alta nas pirâmides bonitas, e abaixo da média e em média baixa nas pirâmides feias (Quadros 1 e 2). Nos casos graves foi a sexta escolha, tanto nas pirâmides bonitas como nas feias, mostrando-se equitativamente acima da média e abaixo da média nas pirâmides bonitas e predominantemente abaixo da média nas pirâmides feias (Quadros 3 e 4).
- 3) Cores de contato com o ambiente: Verde - Casos leves, segunda escolha nas pirâmides bonitas e oitava escolha nas pirâmides feias, apresentando-se, regra geral, em média alta e em média baixa (Quadros 1 e 2); Casos graves, terceiro lugar nas pirâmides bonitas e sexto lugar nas pirâmides feias, com predominância acima da média e média alta nas pirâmides bonitas e abaixo da média e em média baixa nas pirâmides feias (Quadros 3 e 4). Amarelo - Casos leves, sexta escolha nas pirâmides bonitas e primeira escolha nas pirâmides feias, com predomínio acima da média e média alta (Quadros 1 e 2); Casos graves, quinta escolha nas pirâmides bonitas e quarta escolha nas pirâmides feias, com maior incidência acima da média e média alta nas pirâmides bonitas e igualdade de condições acima da média e abaixo da média nas pirâmides feias (Quadros 3 e 4).
- 4) Tensão interna: Violeta - Casos leves, segundo lugar nas pirâmides bonitas e feias, com predomínio acima da média e média alta (Quadros 1 e 2). Casos graves, primeiro lugar nas pirâmides bonitas e oitavo lugar nas pirâmides feias, mostrando-se acima da média e em média alta nas pirâmides bonitas e acima da média nas pirâmides feias (Quadros 3 e 4).

Quanto ao eletroencefalograma, a classificação foi efetuada conforme a importância dos paroxismos irritativos (sejam lesionais ou funcionais, dependendo das correlações clínicas), levando em consideração a sua morfologia, periodicidade, frequência, dinâmica atual, topografia e amplitude.

Verificou-se razoável compatibilidade com a classificação sugerida pelo Pfister, na maioria dos casos; as divergências não constituíram surpresa, sendo o EEG uma técnica que fornece informações diretas, embora parciais, sobre a dinâmica da atividade elétrica cerebral, na hora e nas condições do exame.



O grupo considerado grave pelo Pfister evidenciou grande proporção de paroxismos com dinâmica irritativa atual muito ativa; a maioria mostrou-se generalizar, principalmente durante o registro de sono, esboçando complexos espícula (onda aguda - onda lenta) com bilateralização síncrona secundária. Raras vezes os complexos atingiram frequências mais baixas que 3 c/s, indicando prognóstico desfavorável (caso não seja instituída imediatamente a terapêutica adequada).

Três casos apresentaram atividade irritativa de projeção fronto-temporal, acentuando as perspectivas de alterações da personalidade; quatro traçados mostraram projeção temporo-central (rolândica); os demais evidenciaram atividade irritativa temporal ou temporo parietal.

O lobo temporal, que mereceu o nome de córtex psíquico, sempre domina o quadro nas populações neuro-psiquiátricas, por projetar, além dos seus próprios problemas, anomalias originadas nas áreas rino-diencefálicas, ligadas à elaboração complexa das emoções e dos comportamentos.

A maioria dos casos classificados leves pelo Pfister, sugeriu atividades irritativas discretas, frustras, representadas geralmente por paroxismos irregulares, atípicos, de projeção temporal ou temporo parietal, que raras vezes esboçaram possibilidades de generalização atual; nunca foram observados complexos mais lentos que 3 c/s, nem projeção principal frontal.

A organização de base nos dois grupos foi lábil, ocasionalmente rápida, excepcionalmente lenta; a estruturação espacial não diferenciou nitidamente os grupos.

## V. CONCLUSÕES

Podemos concluir, até o presente momento, correlacionando os resultados do Pfister e do EEG, que:

- 1) A cor vermelha foi, nas pirâmides feias, a de maior escolha, nos casos considerados graves (21 casos - 21 escolhas) (Quadros 4 e 5).

- 2) As cores que mais se apresentaram como alta escolha nas pirâmides bonitas e feias, tanto nos casos leves como nos graves, foram o azul (primeira escolha nas pirâmides bonitas e terceira escolha nas pirâmides feias, casos leves e graves) e o violeta (segundo lugar nas pirâmides bonitas e feias, nos casos leves e primeiro lugar nas pirâmides bonitas dos casos graves) (Quadro 5). O marrom (segundo lugar nas pirâmides bonitas e terceiro lugar nas pirâmides feias) e o amarelo (primeiro lugar nas pirâmides feias) apareceram em alta escolha apenas nos casos leves, enquanto que se verificou alta incidência do verde somente com relação às pirâmides bonitas dos casos leves (segundo lugar) e graves (terceiro lugar) (Quadro 5).
- 3) Os casos, na sua quase totalidade (29 casos - 75%), foram concordantes quanto a apresentarem desvios de cores no Pfister, para mais e para menos com relação à média ideal, e alterações eletroencefalográficas, de principal projeção nas áreas temporais. Houve, no entanto, discordância quanto a estes aspectos ao serem os mesmos considerados nas categorias de leves e graves.

## VI. COMENTÁRIOS FINAIS

Em razão dos resultados obtidos nesta pesquisa, podemos considerar comprovadas as nossas hipóteses iniciais.

Os casos estudados revelaram, regra geral, intenso desequilíbrio na dinâmica afetivo-emocional, principalmente nos casos considerados graves.

A predominância dos desvios de cores acima e abaixo da média, em especial da cor vermelha nas pirâmides feias, dos casos graves - primeira hipótese de nossa pesquisa e a mais representativa quanto à evidência de atividade irritativa cerebral - e das demais cores nos casos leves e graves, demonstraram, de modo claro e evidente, distúrbios na esfera afetivo-emocional, quer a nível manifesto, quer a nível latente, das respostas afetivo-emocionais.

Deste modo, podemos considerar confirmadas as formulações teóricas de Schaie e Heiss (1964), na medida em que a maior incidência dos desvios de cores

(1a. e 2a. posições), em termos de defesas do Ego e de tensão emocional, ocorrem a nível manifesto (azul, marrom e violeta, nas pirâmides bonitas dos casos leves e graves), enquanto que as alternativas de manifestação do comportamento afetivo-emocional mantiveram-se como respostas afetivas latentes (pirâmides feias: amarelo e violeta, nos casos leves, e vermelho nos casos graves).

De igual modo, poderíamos afirmar que, regra geral, os desvios das cores azul, marrom, verde e violeta, nas pirâmides bonitas, acrescidas do amarelo nas pirâmides feias, nos casos leves, e os desvios das cores azul, violeta e verde, nas pirâmides bonitas, e das cores vermelha e azul, nas pirâmides feias dos casos graves, seriam indicativos de uma atividade irritativa cerebral, de principal projeção nas áreas temporais.

Assim sendo, concluiríamos considerando que a presença de desequilíbrio afetivo-emocional no indivíduo poderia eventualmente advir e ter como origem uma atividade irritativa cerebral e que, portanto, na raiz desta etiologia subsistiria um comprometimento de natureza orgânica.

Acreditamos, pois, que, conforme demonstrou a presente pesquisa, os desvios de cores observados no teste de Pfister, quando correlacionados com as alterações eletroencefalográficas, possam ser interpretadas neste sentido.

#### BIBLIOGRAFIA

- CRITCHLEY, M., O'Leary, J. & Jennett Bryan. Scientific Foundations of Neurology, William Heinemann Medical Books Ltd., London, 1972, pag. 211.
- HILL, D. & Parr, G. Eletroencephalography, McDonald, London, 1963, pag. 259.
- MINCKLER, J. Introduction to Neuroscience, The C. V. Mosby Company, London, 1972, pag. 360.
- Schaie, K. Warner & Heis, Robert. Color and Personality, Hans Huber Publishers, Berne, Switzerland, 1964.

RESPOSTAS "M" DO RORSCHACH E RELAÇÕES DE OBJETO PRIMITIVAS  
(IDENTIFICAÇÃO ADESIVA)

Ryad Simon

A finalidade deste trabalho é apresentar contribuições para a compreensão de relações de objeto muito primitivas - sugeridas por E. Bick e D. Meltzer - e os fundamentos e significados das respostas cinestésicas no teste de Rorschach.

Esther Bick (1968), combina suas intuições nascidas da observação da relação da mãe com o bebê nos primeiros dias de vida e o verificado na transferência de pacientes com forte dependência e dificuldades de separação do analista. Bick postula que, após o nascimento a personalidade do bebê é fragmentária, composta de partes sem força para ligar-se, sendo passivamente mantidas unidas pela pele, funcionando como limitante. Nesses primeiros dias de vida, há uma específica "angústia catastrófica" relativa ao perigo de que sua pele se rompa, dispersando os pedaços da personalidade. A função interna de conter as partes do self é adquirida pela introjeção de um objeto externo que tem a capacidade de contenedor. Após a identificação com essa função de contenedor, o estado de não-integração ("unintegrated") é superado. Quando as funções do contenedor são introjetadas, a fantasia do bebê dá origem aos espaços interno e externo. São então há condições para a clivagem primária ("primal splitting") do self e do objeto descrito por Melanie Klein (1952), em que o self se torna ativo. O self e o objeto ficam contidos por suas respectivas "peles" psíquicas. E os processos de troca entre self e objeto, subentendidos pelas introjeções e projeções, promovem o desenvolvimento da dupla mãe-bebê.

Se a mãe é inadequada para conter o bebê, ou se este tem fantasias de excessiva destruição do objeto, perturba-se a função primária de continente e epidérmico. Perturba-se a função de introjeção por falta de separação entre self e objeto. Perturba-se, conseqüentemente, a função de projeção, dando origem a maciças identificações projetivas, acarretando confusões de identidade. Para proteger-se da angústia catastrófica, provocada pelo estado de não-integração e livrar-se da dependência de um objeto externo, incapaz de exercer a função de contenedor, o indivíduo constrói uma "segunda pele". Fazendo uso inadequado de certas funções mentais (inteligência, verbalização), ou aptidões físicas (motilidade, força muscular), forma essa segunda pele com intuito de ser seu próprio contenedor, adquirindo uma pseudo-independência.

D. Meltzer, trabalhando psicanaliticamente com crianças autistas, observou curiosos fenômenos que poderiam esclarecer-se com as concepções de Bick. Quando, após anos de análise, as crianças entravam numa fase que chamou de psicose pós-autista, observou sinais de intolerância incrível às separações. Funcionavam como se o espaço tridimensional não existisse. Relacionavam-se a superfícies bi-dimensionais: as coisas serviam para encostar-se, sentir, cheirar, tocar, etc. Serviam-lhes para que pudessem tirar sensações. Foi da seguinte passagem que começaram a me ocorrer aproximações entre as teorias de Bick e Meltzer e as origens e significados das respostas M no Rorschach. "Pareciam não poder engatinhas nos lugares, como a maioria das crianças. Você poderia imaginar que eles nunca tinham tido bolsos e que nunca nada entrou nos seus bolsos." (Jornal de Psicanálise, nº 38, 1986, pag. 49). Cida desenhos de casa feitos por essas crianças, executados de um lado do papel e do outro lado da folha, em que as portas se superpunham. Olhados contra a luz, era como se alguém, entrando pela porta da frente, já estivesse saindo pela porta dos fundos. "Num espaço que não pode ser fechado, não há espaço algum." (Op. cit., pag. 49). Concluí Meltzer que, em contatos bi-dimensionais, com apenas uma superfície, não há condições para ocorrerem processos de identificação projetiva que requerem um espaço para penetrar, nem identificações introjetivas, que requerem um espaço para colocar dentro o objeto.

Cogitou que se tratava de um novo tipo de identificação narcísica, em que as crianças se identificavam por imitação, colando-se no objeto, sem espaço entre ambos, dando-lhe o nome de "identificação adesiva". O objeto era uma superfície e o sujeito uma superfície. Sem espaço para inter-penetração, não há o que trocar. A criança não engatinha, os bolsos não são usados porque a ausência da noção de espaço não permite a concepção de movimento. Para haver projeção deve haver espaço para penetrar. A resposta de movimento no Rorschach corresponde a uma ação mental de projeção sobre o objeto, ou dentro do objeto, como enfatizou M. Klein (1946), para caracterizar a identificação projetiva.

Recordando as pré-condições para a ocorrência de uma resposta de "movimento humano", no Rorschach, este insistia no inquérito da necessidade de se confirmar se o sujeito havia tido sensações cinestésicas, para legitimamente considerá-las "M", ou, na descrição de Schachtel (Experiential Foundations of Rorschach's Test, pag. 199): "Na resposta cinestésica às manchas de tinta a forma do objeto percebido parece estimular inervações cinestésicas: estas

levam o sujeito a projetar algo de sua própria experiência interna sobre o objeto, dar-lhe vida, animá-lo, dotá-lo de movimento."

Alguns autores dão muita importância às "M", considerando-as expressões de atitudes básicas do sujeito. Piotrowski (1957), considera-as indicadores dos papéis prototípicos que a pessoa assume na vida. Correspondiam a tendências definidas, profundamente arraigadas e não facilmente modificáveis. De duzo que se refere a traços caracterológicos. Do mesmo modo, Schachtel (1966), entende que através das sensações cinestésicas a pessoa tem uma experiência interna direta de si mesmo, compreendendo movimentos e posturas característicos, "profunda e intimamente ligados às camadas centrais da personalidade" (op. cit., pag. 240).

Admito que as "M" são função de tendências centrais, profundamente arraigadas na personalidade e, portanto, ligadas às experiências primitivas de relação de objeto que fornecem as fundações para estruturação do self e do mundo interno. E que as "M" são fruto de um processo mental de projeção desses aspectos básicos do sujeito sobre um objeto indefinido (manchas de tinta) que se torna identificado. A pré-condição psíquica para que ocorra uma "M" (cujo veículo é a projeção), é que haja um espaço tri-dimensional separando o sujeito do objeto, cada qual dentro das respectivas "peles". Assim sendo, o sentido básico das "M" estaria intrinsecamente ligado às primeiras introjeções e projeções que resultam nas identificações para formação do self. E seriam as "M" (ou FM, resposta de movimento animal) indicadoras de que a evolução da personalidade ultrapassou o estágio de não-integração e alcançou o estágio de clivagem primária entre o self e o objeto idealizado.

Estas proposições levam-me a considerar duas questões importantes: a ausência (ou escassa ocorrência) de "M" num protocolo, e a qualidade (M + ou M -) da resposta cinestésica.

Começo ponderando sobre a qualidade da resposta de movimento humano "bem vista", M +. Se, por um lado, a resposta cinestésica representa uma projeção de aspectos do sujeito sobre o objeto, identificando-o, por outro lado, a qualidade de M tem a ver com a forma da mancha correspondente. Para que haja uma forma bem vista é preciso que a capacidade de discriminação do sujeito esteja funcionando adequadamente naquele momento, isto é, que não haja confusão entre self e objeto externo. Dito de outro modo, que a capacidade de clivagem está intacta. Schachtel chamaria a isso de projeção empática, isto é, a

percepção correta da experiência emocional do outro. Os kleinianos a chamariam de identificação projetiva realista.

Acontece diversamente quando a resposta é M -, ou seja, quando a forma do objeto projetado não se ajusta com a forma da mancha. Nesse caso, a disposição para projetar é intensa, mas a capacidade de discriminação entre self e objeto é precária. São o resultado de confusões de identificação, e estas, são consequência de identificações projetivas maciças, que levam a distorções na percepção do objeto, acarretando alucinações e interpretações delirantes. Por isso, as M - são abundantes em protocolos de psicóticos ou limítrofes. Utilizando a teoria de E. Bick, poderia dizer que a formação da função de pele que recobre o self e o objeto primário não foi estabelecida com inteireza nas primeiras experiências de amamentação. Ficaram "buracos" nessa pele, de modo que a separação entre self e objeto não se deu totalmente. Através desses buracos na pele psíquica vazariam identificações projetivas maciças, produzindo fusões entre self e objeto, observadas como confusões entre o que pertence ao espaço interno ou espaço externo.

Quanto à ausência ou escassez de M num protocolo (acompanhadas de escassas - ou nulas - respostas cromáticas), elas são encontráveis segundo o próprio Hermann Rorschach, em "depressivos, simples homens de negócios, burocratas, meticolosos, "insossos", que não dispõem senão de uma capacidade de contato intelectual" (Psychodiagnostic, pag. 74). Essas constatações de H-Rorschach parecem-me próximas das descrições citadas por Meltzer em seus intercâmbios com E. Bick. Descreve pessoas que tinham dificuldade para introjetar e não podiam utilizar muito da identificação projetiva. Seus valores não eram estabelecidos em relações internas, baseados nas observações de suas próprias reações. Era "como se eles se espelhassem nos outros o tempo todo, copiando os outros, imitando-os, sensíveis à moda, preocupados com formalidades e status social e coisas desse tipo." E mais adiante: "Eles eram (...) pessoas bem ajustadas e que normalmente não viriam para a análise se não estivessem nos limites da comunidade analítica" (Jornal de Psicanálise, nº 38, pag-47). Continuo citando Meltzer à pag: 51: "Assim nós rotulamos esse termo de "identificação adesiva" e quanto mais pensamos acerca dele, mais começamos a perceber que ele tem lugar na vida de muitos de nossos pacientes e nas nossas vidas. Isto é particularmente verdadeiro em relação a valores, a dificuldades em estabelecer valores internos." E dá como exemplo pessoas que, apesar de terem bom gosto e capacidade artística, notam que há algo errado com elas por-

que, numa galeria, sempre olham o título antes de olharem o quadro. "Este era uma espécie de protótipo de sua vida frente ao mundo. Eles queriam saber o preço das coisas, porque não tinham uma base interna para estabelecer a sua própria avaliação desde que não fazia sentido para eles." (op. cit., pag. 52; grifos meus).

Creio serem essas descrições adequadas para pessoas com tipo de vivência coartado ( $SM:SC = 0 : 0$ ), ou, na observação de H. Rorschach: "Como o homem cerimonioso (l'homme étiquette)", que se controla ao máximo, estamos de novo muito perto do meticoloso, que não dá M nem C, mas um máximo de  $F +$ " (Psychodiagnostic, pag. 78). Os intérpretes mais eminentes do teste de Rorschach, a começar pelo próprio, consideram que o elevado percentual de respostas bem vistas nos indivíduos, que dão escassas M, indicam a presença de uma couraça rígida bloqueando tendências indesejáveis. E que se essas defesas fossem abolidas, surgiriam respostas cinestésicas. Pelo desenvolvimento que estou propondo, posso enriquecer o significado da percentagem  $F +$  quando as respostas de movimento e cor se aproximam de zero.

A alta percentagem  $F +$  estaria bloqueando a emergência de identificações projetivas patológicas, expressas pela  $M -$ , mas, principalmente, a alta percentagem  $F +$  forneceria uma "segunda pele", uma personalidade construída por conformação estrita, por imitação. Com a função de contenedora dos pedaços da personalidade, que não puderam integrar-se partindo do processo do splitting normal (Klein, 1957) e culminando na travessia bem sucedida da posição depressiva. Essa couraça caracterológica expressa, pela alta percentagem  $F +$ , que protegeria o sujeito dos estados de não-integração acompanhados de angústia catastrófica, e o manteria ligado aos objetos externos de forma viscosa, estabelecendo identificações adesivas (\*).

Em suma, presumo que a psicanálise poderia se beneficiar do uso do teste de Rorschach para estudar, sob outro vértice, o fenômeno da percepção e

(\*) De fato, para fornecer uma resposta  $F +$ , a postura perceptiva do sujeito precisa ser de aceitação da imposição da forma da mancha sobre seu repertório de imagens mnêmicas, com muita sujeição aos detalhes do objeto externo. Com  $RM$  e  $RC$  tendendo a zero, a percentagem  $F$  eleva-se. Com alta percentagem  $F$  e alta percentagem  $F +$ , temos que a maioria das respostas são de forma, e de forma bem vista. O que sugere atitude de frequente adesão estrita às determinações exteriores, confirmando a conjectura de correlação entre tipo de vivência coartado, alta percentagem  $F +$  e "identificação adesiva".



suas perturbações, e, ainda, os processos de identificação narcísica, a meu ver expressos pelas M -, que subjazem às alucinações e manifestações delirantes.

Aos cultores do Rorschach sugeri algumas linhas interpretativas baseadas em recentes contribuições de seguidores de M. Klein. Presumo que elas tornem mais ricos alguns significados de dados do Rorschach (número e qualidade de M, percentagem F +) e estimulem alguma pesquisa. Por exemplo, se pesquisas com pacientes psicanalíticos, que apresentarem características de identificação adesiva, fornecerem a prova de Rorschach' sM, sC aproximadamente igual a 0:0, e percentagem F + aproximando-se de 100, ou, se pacientes com esses mesmos resultados no Rorschach, demonstrarem características dos pacientes descritos por Meltzer, como propensos a identificação adesiva, então, conclui-se, na ausência de outros dados patológicos no psicodiagnóstico, pela descoberta de uma espécie de "síndrome da identificação adesiva" rorschachiana, em que o sujeito usaria uma "segunda pele" para conter-se, para compensar a incapacidade de do objeto original de ser um bom contenedor.

#### SINOPSE

A descrição do comportamento de pacientes psicanalíticos sofrendo de estados transitórios de desintegração ("unintegration", Bick, E.) e crianças autistas (Meltzer, D.), recordaram-me vagamente descrições assemelhadas de H. Rorschach sobre sujeitos que não forneciam respostas de movimento humano no "psicodiagnóstico". Conjecturei, que essas semelhanças podem conter algo mais do que meras coincidências superficiais. Sugeri que as respostas "M" do psicodiagnóstico são provenientes das primitivas relações objetivas subjacentes a identificações projetivas (Klein, M.), e que os distúrbios nas primitivas relações de objeto, que promovem excessivas identificações adesivas (Meltzer, D.) estão associados com deficiências na geração de respostas cinestésicas expressas por poucas ou nenhuma M. Se as pesquisas indicadas confirmarem a hipótese sugerida, teríamos uma espécie de "síndrome da identificação adesiva" rorschachiana, na qual sM:sC tendendo a 0:0, e percentagem F + aproximando-se

de 100, apontariam características de sujeitos com uma "segunda pele", compensatória da incapacidade do objeto primordial ser um bom contenedor.

UNITERMOS: Psicanálise aplicada; Rorschach e relações objetais; identificação adesiva.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BICK, E.-The experience of the skin in early object relations. Int. J. Psycho Anal. (1968) 49, 484-486.

KLEIN, M. (1946) - Notes on some schizoid mechanisms in Melanie Klein: The Writings of Melanie Klein, vol. III, London: Hogarth, 1975.

\_\_\_\_\_ (1952) - Some theoretical conclusions regarding the emotional life of the infant in Melanie Klein: The Writings of Melanie Klein, vol. III - London: Hogarth, 1975.

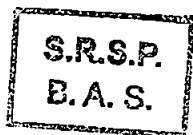
\_\_\_\_\_ (1957) - Envy and gratitude in Melanie Klein: The Writings of Melanie Klein, vol. III, London: Hogarth, 1975.

MELTZER, D. - (1975) Identificação adesiva. (Tradução de D. M. Braco). Jornal de Psicanálise, 19 nº 38 (1986), 40-52.

PIOTROWSKI, Z. A. - Perceptanalysis - N. York: MacMillan, 1957.

RORSCHACH, H. - (1921) Psychodiagnostic (Tradução de A. Ombredane e A. Lan - dau). Paris: Presses Univers. France, 1953.

SCHACHTEL, E. G. - Experiential Foundations of Rorschach's Test. N. York : Basic Books, 1966.



NOTICIÁRIO

- Desde agosto de 1985 vem funcionando regularmente o curso intensivo do Método de Rorschach, programado em três semestres independentes, assim distribuídos: 1º Básico, 2º Aprofundamento, 3º Especialização.

As aulas são ministradas duas vezes por semana, com a duração de duas horas cada.

Este curso veio de encontro à necessidade que alguns profissionais vinham expressando, no sentido de fornecer, em tempo mais reduzido, o mesmo curso oficial desta sociedade.

- Também no ano de 1985 foram promovidos os seguintes cursos: "Rorschach e o Suicídio", ministrado pelo Prof. Valdemar Augusto Angerami; "Rorschach e Psiquiatria Forense", ministrado pelos professores Dr. Stanley Crosland Guimarães e Dra. Hilda Penteado Morana; e "Rorschach em Crianças", ministrado pelas Profas. Ana Maria Massa e Norma Lottenberg.

- Em 14 de abril, Ana Maria T. Benevides Pereira, recém-chegada da Itália, expôs a esta sociedade sobre "As Atividades da Scuola Romana Rorschach". Na ocasião, foi apresentado e discutido entre os presentes a nomenclatura de Carlos Rizzo, utilizada para a classificação das respostas no Rorschach.

- Em 20 de maio, foi relatado o trabalho "Estudo Clínico da Personalidade de Pacientes com Psoríase, através da Entrevista e do Exame de Rorschach", elaborado pela psicóloga Sandra Catropa.

- Eleita a nova Diretoria da Sociedade Rorschach de São Paulo, em 26 de novembro de 1986, para o biênio 86/88. A nova direção tomará posse em 05 de maio do próximo ano e está assim constituída:

Presidente ..... Maria Helena C. de Figueiredo Steiner

Vice-Presidente ..... Lucia Maria Salvia Coelho

Primeiro Secretário ... Ruy Benedicto Mendes Filho

Segundo Secretário ... José Carlos Teixeira de Camargo Filho

Tesoureira ..... Leda França

Comissão Científica ... Ana Maria Teresa Benevides Pereira

... Lucia Maria Rosa Cruz Costa

- Comissão de Nomeação e Orçamento - Hilda Clotilde Penteadó Morana
  - - Roberto Fazzani Neto
  
- Ainda em 26 de novembro, foi proferida a palestra "A Dimensão Genética no Diagnóstico das Psicoses", pelo eminente professor Dr. Oswaldo Frota Pessoa.



**SOCIEDADE RORSCHACH DE SÃO PAULO**  
REPRODUÇÃO PROIBIDA



159.9(5) 000776  
Boletim da Sociedade Rorschach de  
São Paulo Vol. 5 nº 1  
Sociedade Rorschach de São Paulo - -  
1986 - 1ªed. - ex.1  
S67851b  
Português

SRSP/BAS